

Dinâmica motivacional ou estratégia formativa?

SILVANA AUGUSTO¹

AS DINÂMICAS DE GRUPO SERVEM REALMENTE PARA MOBILIZAR AS COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E VONTADE DOS PROFESSORES PARA ENSINAR MELHOR E TER UMA AÇÃO COLABORATIVA COM SEUS PARES? OU A PRÁTICA DA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO, BEM TEMATIZADAS, SÃO MOBILIZADORAS PODEROSAS NA FORMAÇÃO?

Muitos coordenadores pedagógicos têm verdadeiros pesadelos às vésperas de reuniões pedagógicas ou de encontros de formação com seus professores, buscando formas diferentes para tratar assuntos considerados difíceis. É nessa hora, quando a questão é mais difícil, que geralmente se apela para saídas mais fáceis: dinâmicas motivacionais. Leitura de mensagem de autoajuda, exercícios de relaxamento, dramatizações. Recorre-se a tudo com a justificativa de sensibilizar, humanizar as relações, aproximar as pessoas e incentivar a cooperação.

A questão enfrentada por um formador ao planejar a pauta de sua reunião pedagógica é justamente avaliar se para determinado objetivo seria melhor uma estratégia ou uma simples dinâmica. Os propósitos a que cada prática, dinâmica ou estratégia se prestam são muito diferentes. No caso dos encontros de formação, que têm certa regularidade, que estão envolvidos em um plano de ação de longo prazo com objetivos e conteúdos claros, é



DETALHE DA OBRA OS DOZE ERROS – SÔNIA MENNA BARRETO, 1995

¹ Silvana Augusto é formadora do Instituto Avisa Lá, coordenadora do curso "O coordenador pedagógico como formador em sua unidade" e professora do Instituto Superior de Educação Vera Cruz, em São Paulo – SP.

preciso pensar muito mais, considerar questões como: por que as pessoas precisam de técnicas para aproximação? Não estariam já bastante próximas como membros de um grupo que compartilham o mesmo objetivo de trabalho, já que são todos professores em formação? Caso a resposta seja negativa, se realmente as pessoas estão assim tão distantes, o motivo da aproximação não deveria ser mais intrínseco ao trabalho, considerando que ele é a principal razão da constituição desse grupo de professores? Quais seriam, enfim, os objetivos compartilhados desse grupo, o que faz que seus participantes se constituam como grupo? E por que razão refletir sobre os conteúdos que se referem ao planejamento do trabalho que faz as crianças avançarem em seus percursos de aprendizagem não seria suficiente para sensibilizar os professores? Estamos comumente buscando sentidos e motivações externas. Mas por quê? Será que esses conteúdos não sensibilizam nosso grupo de fato, ou seria a nossa condução que faz com que se tornem pouco instigantes e desinteressantes para os professores da escola?


Essas questões, tão urgentes para os coordenadores, também surgiram em nosso ambiente *online*, na ocasião de um curso para coordenadores pedagógicos.

Em 2010, no curso desenvolvido para coordenadores pedagógicos, a Sala dos Professores foi tão bem frequentada que nós abrimos vários fóruns temáticos, voltados para interesses específicos. Havia espaço para quem quisesse apenas divulgar e conhecer dicas de leitura; para quem quisesse divulgar dicas da internet, recur-

sos de sites interessantes que poderiam subsidiar a sala de aula; para trocar ideias sobre projetos didáticos; e uma sala especial para onde levávamos as discussões mais acirradas, aquilo que “deu pano pra manga”. Foi nessa sala que ocorreu a discussão relatada a seguir. O debate ocorrido ilustra bem o potencial do fórum para a formação reflexiva de profissionais de educação.

A. T. começou o debate. Em nossa Sala dos Professores, ela convocou as colegas para pedir ajuda:






A. T. disse:

Olá pessoal, na próxima semana tenho uma reunião pedagógica com duração de 4 horas, cujo o tema é: Jogos na educação infantil.

Gostaria de saber se vocês têm alguma sugestão de dinâmica para início, sensibilização e/ou encerramento da oficina.

[Excluir](#) | [Responder](#)

Como é costume, os participantes que entram na sala liam o chamado de um colega e contribuíam com o que sabiam. Todos são coordenadores pedagógicos, e como A. T., já devem ter passado por situação semelhante, já enfrentaram esse problema e provavelmente possuem repertório suficiente para oferecer ajuda. A. T. recebeu várias respostas de colegas de diferentes instituições educativas, como a que vemos a seguir:



I. disse:

Você pode realizar uma dinâmica em que, com giz de lousa, você fará um círculo no chão. Dê uma bexiga para cada educador encher e amarrar; todos ficarão dentro do círculo; você colocará uma música, e todos ficarão brincando com as bexigas. Ninguém pode cair no chão e aos poucos vc vai tirando um educador e sentando ele no círculo do chão, ficará uma pessoa com todas as bexigas, e com certeza terá um monte no chão. A moral é: para que o trabalho seja bem executado todos deverão estar engajados com a causa.

[Excluir](#) | [Responder](#)

Débora Rana, formadora do grupo, e eu, coordenadora pedagógica, conversávamos frequentemente sobre o andamento da turma e acompanhávamos o desenvolvimento das questões mais interessantes do debate. Nosso principal foco sem-

pre foi a Sala de Estudos, pois a Sala dos Professores, como espaço absolutamente livre, não demandava intervenções. Mas, em casos como esse, o assunto era tão recorrente que valia a pena provocar a reflexão, mesmo porque isso de fato mexia profundamente com as crenças dos coordenadores. Debater a diferença entre dinâmica de grupo e estratégia toca as concepções de ensino, de aprendizagem, de grupo e de formação de cada participante. Permite refletir sobre o princípio do trabalho de formação na escola.

O que é estratégia formativa

Em nossa língua, a palavra estratégia pode assumir diferentes significados. Pode ser vista como ardil, estratagemas, manobra. Esses sentidos aparecem mais no contexto dos jogos ou, então, da guerra. Em ambos os casos, pode ser analisada como uma ação que se opõe a seu inimigo, seja ele adversário no jogo ou na guerra. Mas, em nosso meio educativo, é mais interessante pensar essa ideia como um plano de mediação, um meio para alcançar determinados fins. Tais planos são constantemente discutidos por coordenadores pedagógicos ou supervisores engajados com a formação de professores.

Em supervisão, recorremos então a estratégias de formação de professores que constituem um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática. Uma vez que o paradigma de formação por nós escolhido para enquadrar essa formação é o modelo reflexivo, as estratégias escolhidas vão envolver processos de reflexão por parte tanto do próprio supervisor, como do professor em formação. Assim perspectivadas, estas estratégias aparecem como instrumentos de apoio à reflexão...

(ALARCÃO, I. *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão.*

Porto: Ed. Porto, 1996.)

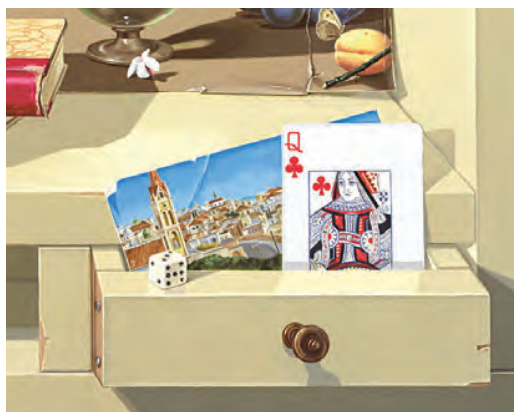
Donald Schön circunscreve suas ideias no para-

digma do pensamento reflexivo com enfoque na prática profissional, sobretudo no caso dos aprendizes iniciantes de uma profissão. Para ele, estratégias que permitem refletir sobre a prática são a experimentação em conjunto, a demonstração acompanhada de reflexão e a experiência e análise de situações homológicas. Delia Lerner, por sua vez, com base em estudos feitos com professores que já se profissionalizaram e estão atuando nas escolas, procura circunscrever não as estratégias formativas como Schön as entende, mas sim as situações de capacitação docente. Para ela, além das transformações que podem ser conquistadas por meio de estratégias diversas, há também que se preocupar com a conservação das mudanças. Ela aponta a análise de atividades de aula e a dupla conceitualização como as situações de maior sucesso na experiência de sua equipe². O Instituto Avisa Lá, na ocasião da sistematização de sua metodologia de formação, definiu quatro estratégias básicas pensadas a partir de apropriações dessas referências. São elas: análise de bons modelos, análise de situações homólogas, tematização de práticas e análise de registros com devolutivas³.

Como se vê, a questão é complexa. Nesse momento, a equipe do Avisa Lá *online* procura investigar e sistematizar as melhores situações formativas em ambientes virtuais de aprendizagem. Nos fóruns, enfocamos a discussão teórico-prática porque entendemos que, muitas vezes, é na transposição do conhecimento teórico para a prática que o problema aparece na forma das perguntas mais simples como, por exemplo, a de avaliar se as dinâmicas de grupo são boas situações formativas.


A discussão sobre uma questão polêmica

Nós apostamos que os fóruns podem ser boas oportunidades para aprender a refletir. Por isso, nossa intenção não é julgar as práticas dos profes-



DETALHE DA OBRA OS DOZE ERROS – SÔNIA MIENNA BARRETO, 1995


sionais participantes do curso, nem avaliar o que é correto ou adequado, tampouco defender um ponto de vista, uma ideia já concebida. Queremos mesmo é problematizar a questão, promover uma boa oportunidade para que todos possam refletir, ou seja, criar uma situação que favoreça o avanço, a aprendizagem desse grupo. Postamos, então, o seguinte convite:

	<p>Silvana disse:</p>
	<p>Pessoal, tudo bem?</p> <p>Passei por aqui para dar uma olhada no movimento e encontrei um assunto que vai dar pano para manga. Vocês topam? Então, vamos lá, botar lenha nessa fogueira.</p> <p>Vocês todas estão indicando dicas de dinâmicas para os encontros de professores. Mas, afinal, qual é o objetivo disso? Para que serve a dinâmica?</p> <p>Qual é a diferença entre dinâmica e estratégia de formação?</p> <p>Vamos lá, pessoal, quem tiver uma opinião, pode postar aqui!</p> <p>Beijos Silvana</p> <p style="text-align: right;">Excluir Responder</p>

² Para saber mais, leia o capítulo 5 do livro de Delia Lerner, *Ler e escrever na escolar: o real, o possível e o necessário na alfabetização*. São Paulo: Artmed, 2002. Tel.: 0800 703 3444. Site: www.artmed.com.br.

³ *Bem-vindo, mundo!* Criança, cultura e formação de professores, de Sílvia Pereira de Carvalho e Adriana Klisys. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2011, p.119. Tel.: (11) 3816-0699. Site: www.editorapeiropolis.com.br.

Nos dias que se seguiram, muitas opiniões foram publicadas nos fóruns, ideias que iam se somando, se misturando com as opiniões dos outros, ajudando cada um a mudar de posição ou, então, a mantê-la com argumentos mais consistentes. O exemplo a seguir ilustra as postagens feitas em uma semana.



C. F. disse:

(...) Assim, acredito que a diferença entre uma dinâmica e uma estratégia formativa está no fato de a segunda promover uma reflexão sobre conhecimentos prévios diretamente relacionados com o que se pretende com a formação, objeto principal do trabalho do coordenador.

C. F.

[Excluir](#) | [Responder](#)

C.F., A. T. e I., entre outras participantes, concordaram que “tanto dinâmicas como estratégias de formação devem ser planejadas e ter objetivos claros”. C.F. foi mais fundo na sua formulação, afirmando que a principal diferença entre dinâmica e estratégia é que uma leva “à reflexão sobre o seu eu e a interação com o grupo, e as estratégias de formação levam o professor à reflexão de suas próprias práticas.” Ela já apontou para a tendência que a primeira tem de lidar com conteúdos psicológicos. Não por acaso, elas são matéria dos cursos de Psicologia e não de Pedagogia.


Mais uns dias de prazo para todo mundo responder, replicar e, finalmente, sistematizar. Nessa hora, assumi o papel de organizar os conhecimentos que estavam sendo construídos coletivamente. Ao rearranjar as informações do fórum, foi possível devolver ao grupo as seguintes diferenças relativas à “dinâmica” e “estratégia”, sintetizando as ideias mais recorrentes nesse debate:

Dinâmica	Estratégia
<ul style="list-style-type: none"> ■ Facilitar a ação do educador, desenvolvendo a capacidade de ouvir, falar, conviver com o lúdico para explorar linguagens variadas. ■ Refletir sobre a construção e a reconstrução das vivências do grupo. ■ Conhecer melhor o grupo, os pares, as afinidades, as rejeições para poder atuar mais pontualmente nas situações problemáticas, fortalecendo o grupo para obter melhores resultados. ■ Aquecer o grupo para o momento da formação. ■ Conhecer características do indivíduo e seu comportamento em equipe. 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Ampliar o conhecimento do grupo sobre determinado assunto ou conteúdo específico da formação. ■ Ajudar o grupo a significar os conceitos que estão em discussão, compreender melhor determinados conteúdos que envolvem o ensino para uma melhor intervenção. ■ Alcançar determinados objetivos de trabalho (por isso são necessários diferentes recursos que contribuirão para a construção do conhecimento).

A validação dos conhecimentos e a palavra da formadora

Provocar e sustentar a discussão dos participantes é nosso maior desafio nos fóruns; por isso, reservamos nossas opiniões para um momento posterior, evitando, com isso, inibir os participantes ou induzi-los a uma resposta pronta. Muitas vezes, isso exige escuta cuidadosa e calma.

Nesse fórum, por exemplo, Débora, a formadora do grupo, só depois de os participantes publicarem suas opiniões, registrou o seu ponto de vista.



Débora Rana disse:

Sou psicóloga e lembro que na época que me formei, 1985, as dinâmicas estavam em alta. Na faculdade tínhamos matérias só disso e, claro, me encantei. Quando assumi a direção de uma creche municipal, fazia dinâmicas para tentar melhorar as relações entre as educadoras, e delas com as crianças e pais. Para ajudar profissionalizar as educadoras.

Infelizmente, pude constatar que, no momento de realização, todas se envolviam e quase prometiam para si mesmas que tudo iria mudar, mas isso não acontecia. Minha conclusão foi que as dinâmicas ajudavam a refletir, mas não a mudar a prática. Por essa razão, abandonei as dinâmicas, pois não tenho dúvidas de que a tarefa nossa é ajudar a mudar as práticas de quem trabalha com os alunos, é ajudar o professor a ensinar os alunos, é ajudar os alunos a aprenderem.

Quando passei a intervir diretamente na formação, por meio das estratégias, foi incrível como as reflexões levaram à mudança de prática.


Pergunto a vocês: por que será que isso aconteceu?

E com vocês, as dinâmicas remetem a mudança de prática das professoras? Os alunos passam a aprender mais?

Débora Rana

[Excluir](#) | [Responder](#)

A palavra de Débora não encerrou discussão; pelo contrário, uma nova rodada de postagens se iniciou. Os participantes, a todo momento, puderam rever suas posições. J.C., por exemplo, não confiava no alcance de nenhuma dinâmica e, por isso, propôs que a convivência fosse objeto de reflexão:



J. C. disse:

Débora, adorei sua contribuição, pois a dimensão do encantamento que as dinâmicas produzem é que podem iludir e distanciar as pessoas do real objetivo que é profissionalizar o papel do educador para que os alunos aprendam e se tornem cidadãos.

Conviver é conteúdo privilegiado de espaços coletivos, e a escola deve refletir em espaços formativos sobre as situações reais que acontecem diariamente (...).

J. C.

[Excluir](#) | [Responder](#)

C. Fe., por sua vez, reconheceu as possibilidades, mas também os limites desse tipo de dinâmica.



**C. Fe. disse:**

Realmente, você colocou lenha na fogueira e levantou vários questionamentos que me levaram a uma reflexão maior.

Em um grupo de professores, temos uma diversidade enorme de seres pensantes, muitas cabeças contribuindo ou minando uma ideia. Precisamos estar atentas e procurar unir ao máximo a equipe para que não percam o foco da educação (...).

Acredito que as dinâmicas levem à reflexão sobre o seu eu, e a interação com o grupo e as estratégias de formação levem o professor à reflexão de suas próprias práticas.

A formação oportuniza o contato com pesquisa, pesquisadores, por intermédio de seus próprios professores, para que estes não sejam meros repetidores de um saber acumulado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora a cada momento.

Ambas devem ser traçadas com objetivos bem definidos, interligadas, contextualizadas para fazerem sentido e não caírem no descrédito ou no ridículo.

C. Fe.

[Excluir](#) | [Responder](#)

Discussão sobre dois casos

Ficou claro para o grupo que as dinâmicas costumam ter compromisso com os objetivos de sensibilização. Como disse uma das participantes desse fórum, são usadas “como técnicas para motivação, desenvolvimento e interação, tenho visto sendo muito utilizadas em seleção de candidatos ou apresentação inicial a um grupo de pessoas que não se conhecem”. Mas será que esse olhar é suficiente para nos ajudar a trabalhar de maneira diferente com nossos alunos? Saber a diferença entre ambos nos permite fazer melhor?

Avaliamos que seria mais estratégico nesse momento refletir sobre alguns exemplos recolhidos na escola, casos homólogos provavelmente conhecidos pela maioria dos coordenadores ao longo de sua

experiência prática. Todas essas questões circularam na segunda rodada desse fórum, com um contexto prático para aprofundar as reflexões, mostrando como os coordenadores se posicionavam em relação a essas práticas. Uma nova intervenção fez todos pensarem sobre as diferenças, dessa vez, utilizando os conhecimentos construídos na análise de dois exemplos, um deles inclusive trazido por uma das formadoras do curso.

**S. disse:**

Vamos ver de perto essa proposta da Bola no Lençol. Trata-se de um jogo, não é? Vamos imaginar dois contextos para essa mesma prática:

- no primeiro caso, a formadora joga com os professores, todos participam animados. Ela discute como é importante a cooperação para não deixar a bola cair, motiva as professoras a continuarem o trabalho de planejamento das atividades. Depois dá início à sua pauta sobre o planejamento do trabalho de língua portuguesa, em especial, da escrita de nomes pelas crianças. Ela quer que as crianças escrevam mais e melhor; então, vai planejar com as professoras boas atividades de escrita.
- no segundo caso, o conteúdo a ser trabalhado era movimento. A formadora joga com os professores, todos participam animados. Ela discute, a partir da experiência vivida, a qualidade do movimento, os desafios que o jogo coloca para cada um e para o grupo. Busca relacionar isso aos conteúdos de movimento, segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Depois, reflete com o grupo como todos aprenderam a jogar, jogando, e quais são, então, as condições para aprender a brincar. A partir daí, ela planeja com o grupo de professoras como vão ensinar algumas das brincadeiras do projeto para as crianças na hora do parque.


Qual das duas é mais formativa?

Por quê?

S.

[Excluir](#) | [Responder](#)

Notamos que as respostas tardaram a chegar, provavelmente porque os participantes com opinião diferente ainda estavam procurando repensá-la com base nas novas ideias. Houve quem postasse uma mensagem sem antes ler o teor de toda a conversa. Quando isso acontecia, os próprios colegas procuravam restabelecer os novos parâmetros teóricos do debate. Sabemos que não é fácil para vários coordenadores abandonar uma antiga crença, principalmente aquelas referendadas pela experiência prática ou quando não se tem algo mais seguro para colocar no lugar. Os que já tinham uma opinião formada, ao contrário dos demais, colocaram-se mais abertamente, como é o caso da J.:



J. disse:

S., o segundo caso, pois a estratégia formativa dialoga com os conteúdos que serão trabalhados, coloca a criança no lugar de sujeito ativo, solicitando reflexões sobre as condições necessárias para essa brincadeira e as possibilidades de movimentos do próprio corpo.

S., vc acabou de compartilhar uma estratégia formativa a partir do exemplo da colega.

Muito bacana!!

bjs

[Excluir](#) | [Responder](#)


A proposta do primeiro caso é certamente mais frouxa. Ela trata simbolicamente de uma questão motivacional, talvez supondo que o grupo necessite de mais cooperação. A proposta da dinâmica, a saber, o próprio jogo, em momento algum é tratado como objeto em si. Ele é apenas pretexto para uma possível falta de cooperação. Vemos que o objetivo de melhorar o planejamento de propostas de escrita que, afinal, era a intenção da coordenadora naquela reunião pedagógica, não teve conexão com a dinâmica. Não se acredita que ter um bom desafio sobre uma questão específica sobre a escrita, que



DETAIHE DA OBRA OS DOZE ERROS – SONIA MIENNA BARRETO, 1995

aparece constantemente na prática do professor, seja motivação suficiente para o grupo de professores. Já no segundo caso, a proposta de jogar com os professores está diretamente ligada ao propósito de promover uma reflexão sobre o movimento como conteúdo de aprendizagem. Jogar e, em seguida, discutir sobre como foi jogar serviu à coordenadora do grupo como estratégia, um meio para atingir o seu principal fim, que é tornar visível aos professores determinados conteúdos que eles até então não reconheciam como tal. Nesse caso, os participantes podem desenvolver uma dupla conceitualização: pensar sobre o movimento como conteúdo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, sobre como se ensina esse conteúdo na Educação Infantil.

De todo modo, pensar sobre a prática com base em casos similares ao que vivemos na escola permitiu aos participantes trocarem os próprios relatos, como ocorreu na conversa entre J. e C.:



C. disse:


Li todas as postagens e apreciei demais como esse assunto deu pano pra manga!

J., usei esta estratégia formativa ano passado com meu grupo de professores. Para iniciar, coloquei muitos brinquedos antigos e atuais no centro da roda, e cada professora escolheu um que lhe lembrasse alguma brincadeira da sua infância. Em seguida, cada uma compartilhou suas memórias sobre o brincar. Foi uma experiência ótima para sensibilizar com relação à importância do brincar para as crianças e para elaborarmos uma lista de brincadeiras interessantes a serem ensinadas. Como algumas brincadeiras registradas não eram conhecidas por todas, fizemos pesquisas sobre os encaminhamentos de algumas brincadeiras e, depois, montamos uma “apostila” que serve de referência para o planejamento das professoras. Desta maneira, o objetivo formativo foi atingido: o brincar passou a ser mais valorizado no contexto da escola, as brincadeiras se tornaram mais frequentes, com um repertório bem variado e as crianças estão tendo oportunidades ricas de brincar!!

Assim, acredito que a diferença entre uma dinâmica e uma estratégia formativa está no fato de a segunda promover uma reflexão sobre conhecimentos prévios diretamente relacionados com o que se pretende com a formação, objeto principal do trabalho do coordenador.

Grande abraço,
C.

[Excluir](#) | [Responder](#)



C. Fe. disse:


(...)

Não defendo o uso da dinâmica em todos os encontros, nem temos tempo suficiente para isso, mas que elas contribuem no momento de sensibilização do grupo, isso sim! Agora, as estratégias de formação (diversificadas), estas, sim, precisam estar presentes sempre.

C. Fe.

[Excluir](#) | [Responder](#)

C. R. reviu a antiga prática relatada nesse fórum como sugestão de trabalho para uma colega. Ela concluiu:



C. R. disse:

Silvana e colegas,

Realmente um assunto que está dando pano pra manga, mas que já está promovendo muitas reflexões...

Acredito que o que postei como dinâmica não é estratégia !!!!!

Bjos...

Continuarei pensando no assunto...

C. R.

[Excluir](#) | [Responder](#)



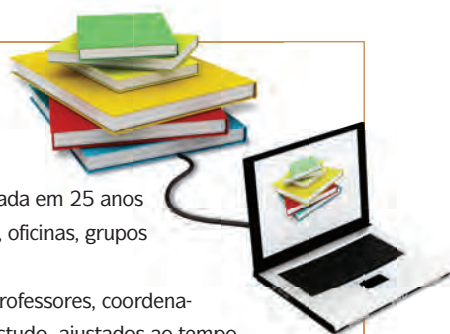
DETALHE DA OBRA OS DOZE ERROS - SÔNIA MÊNNA BARRETO, 1995

Avaliamos a importância dessa discussão para o grupo por dois motivos. Primeiro porque, no módulo 2 do curso, retomamos o conceito de estratégia, já que todos tinham mais informações e, segundo, porque sentimos um envolvimento real e interessado dos participantes, um enorme respeito às ideias divergentes e vontade de aprender mais, características de quem desenvolveu

uma atitude responsável pela própria formação. Tudo isso em uma Sala de Café, cuja frequência não era obrigatória nem fazia parte da avaliação do curso.

Esperamos que essa experiência seja de fato inspiradora para nossos formadores e para nossos futuros alunos *online* que esperamos encontrar em nossos próximos fóruns. ●

Avisa Lá Online



Agora, o Instituto Avisa Lá também está *online*. Seguindo a proposta já testada em 25 anos de formação continuada de professores, a equipe do Avisa Lá desenvolve cursos, oficinas, grupos de estudo e assessoria em seu ambiente virtual de aprendizagem.

Os conteúdos oferecidos foram planejados para atender aos pedidos dos professores, coordenadores pedagógicos e diretores que desejam encontrar boas oportunidades de estudo, ajustados ao tempo de cada um. Procuramos assegurar que todos possam compartilhar boas oportunidades de aprender na interação, contando com a orientação de uma equipe especializada em cada um dos diferentes assuntos.

Trabalhamos principalmente em duas modalidades: cursos e oficinas. Embora ambas as atividades tenham um viés teórico-prático, diferenciam-se no tipo de demanda que é feita aos alunos. O curso propõe atividades de estudo e de reflexão sobre algumas práticas profissionais. A oficina centra o estudo na reflexão sobre a própria prática educativa do aluno participante, o que pressupõe que ele esteja atuando na sua área e se disponha a realizar as propostas apresentadas pela formadora em sua própria escola e relatar aos colegas o que aconteceu.

FICHA TÉCNICA

Avisa Lá Online

Coordenação executiva: Sílvia Pereira Carvalho

Coordenação pedagógica: Silvana Augusto

Formadora: Débora Rana

Curso online: O coordenador pedagógico como formador em sua unidade. Turmas A, B e C, 2010.

Realização Parceiro tecnológico



PARA SABER MAIS

Livros

- *Aprender construindo: a informática se transformando com os professores*, de Fernando José de Almeida. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=40248
- *Aprendizagem mediada pela tecnologia*. In: *Tecnologia na Educação*, de Eduardo O. C. Chaves. Disponível em: edutec.net/Textos/Self/EDTECH/tecned2.htm#IV.